

A democracia sem partidos é possível – Por Miguel Palma Costa

written by Miguel Palma Costa | 3 de Outubro, 2023



Passaram ainda pouco dias que o líder de um partido regional de direita, num programa televisivo de análise política, **proferiu as seguintes palavras:** *“A sociedade está aqui, está nos quatro partidos. A sociedade demonstrou que quer estar com os partidos. Essa ideia de que os partidos não são importantes, isso aí é uma falácia. A democracia sem partidos não é possível”.*

Ora, perante tal confissão ou depoimento, qualquer cidadão menos atento e conhecedor destas matérias nada teria a contrapor e/ou adicionar. Contudo, o tempo **das verdades absolutas acabou** (presumivelmente), e a opinião deste líder e deputado do parlamento **regional da Madeira (ALRAM)** – que

carece de fundamentos históricos, acadêmicos e até políticos – obviamente livre e publicamente exposta, movida naturalmente por interesses políticos, pessoais e partidários, **se não for reformada e corrigida**, ficará, digamos como a água parada, *“começa a criar répteis no espírito”* e, portanto, como proferiu **Winston Churchill**, terá de ser modificada pois *“não há mal nenhum em mudar de opinião... contanto que seja para melhor”*, claro!

Assim, e porque um homem que não vê os dois lados da questão é um homem que não vê **absolutamente nada**, procurarei nas linhas que se seguem demonstrar a todos os que passarem os olhos por estas linhas – e ao líder e deputado regional assinalado – que é possível a **democracia sem partidos políticos**, sustentando o meu argumento em premissas muito simples e de fácil entendimento, vejamos:

1.^a- A palavra **democracia** surge pela primeira vez na Grécia antiga (cerca de 508 a.C.) e referia-se, na altura, **a um novo sistema político que representava uma alternativa à tirania**. Com o surgimento deste novo regime emergiram então reformas políticas que concediam a cada cidadão (homens do sexo masculino livres) **um voto apenas**, nas assembleias regulares relativas a assuntos públicos. Como é simples de se perceber, não havia, neste período, **partidos políticos organizados**; contrariamente aos sistemas democráticos contemporâneos (apelidados de **partidocracias**); a democracia não se regia pela eleição de representantes, as decisões respeitavam sim a opinião da **maioria dos cidadãos da polis**. relativamente a cada assunto aberto ao debate público.

2.^a- O conceito de **democracia é bem distinto do conceito de partidocracia**. Enquanto o primeiro se refere a um sistema político em que a autoridade/poder emana do conjunto dos cidadãos, baseando-se, evidentemente, nos princípios de igualdade e liberdade, o termo partidocracia aponta para um sistema onde a preponderância é de um ou mais partidos políticos no governo ou no poder. Por outras palavras, em

democracia, o funcionamento da política **assenta na atividade política e cívica dos cidadãos**, que as exercem por direito próprio e aqui os partidos políticos são um instrumento útil para os cidadãos se organizarem. Digo **útil**, mas **não obrigatório**, pois é escolhido livremente, tendo os cidadãos sempre o direito e liberdade de não o adotar, em preferência por outras vias. Ao inverso, num regime partidocrático o funcionamento da política centra-se no **monopólio político dos partidos**, na exclusividade no acesso destes ao poder; os cidadãos não têm acesso direto à decisão política, são **obrigados** a fazê-lo por meio de partidos, **sujeitando-se aos que já existem**, aos seus estatutos, aos “defeitos” (para não dizer “irregularidades”) do sistema e daqueles que o instituíram e controlam.

3.^a- Os elevados níveis da **taxa de abstenção em Portugal** – que já ultrapassaram, num ato eleitoral, a fasquia dos **65%** – mostram que esta nossa **“democracia” está doente**, ou melhor, que nos atos eleitorais recentes há um distanciamento (**e descontentamento**) crescente entre **o que o cidadão quer e o que os partidos políticos lhe propõem**.

Mais: se um qualquer cidadão informado fizesse uma análise cuidada dos partidos políticos portugueses do pós 25 de Abril de 1974, e das responsabilidades governativas e principais consequências para o estado atual do país, **rapidamente assinalaria** que os partidos do chamado **“arco da governação”** têm estado **não ao serviço do povo** (do “bem comum” ou interesse nacional) **mas dos grandes lóbis**; que existe uma grande promiscuidade entre a política, os negócios e o mundo financeiro; e que esta partidocracia tem sido o espaço onde, através dos jogos de interesses, do clientelismo, das ligações entre os eleitos e importantes escritórios de advogados e a banca..., para chegar ao controle de sectores estratégicos como a **energia, os transportes, telecomunicações**, etc., e não para resolver os problemas do país e dos cidadãos. Se é este o caminho para a “democracia”, ou melhor, partidocracia – a

satisfação de ambições pessoais, do desejo e controle do poder pelo poder – **então acredito que a breve prazo os cidadãos (e o bom senso) se prestarão a questionar o papel dos partidos dentro da democracia e a procurar novas alternativas a este regime.**

4.^a- Por último, afirmar que **sem partidos políticos não pode haver democracia** é verbalizar uma das maiores **falácias difundidas pelos políticos** que querem impor o atual sistema, como se não houvesse alternativa possível (falácia indutiva da generalização).

No mundo de hoje, com a tecnologia, informação e todo o conhecimento de que dispomos, não faz sentido pensar os partidos como os únicos e legítimos representantes do interesse público. **A descrença da sociedade** nos partidos políticos começa a dividir populações de certos países ao meio... e, a este propósito, veja-se, por exemplo, as gigantescas manifestações **de cidadãos anónimos que no Brasil** gritam que os partidos existentes no seu sistema político não os representam. Por outro lado, podemos ainda observar um exemplo que vem bem do centro da europa. **Na Suíça a democracia remonta ao século XIII, e na Ländergemeinschaft de Sarnen, Cantão de Obwalden, todos os cidadãos elegíveis se reúnem para decidir acerca da condução da administração dos assuntos públicos do ano seguinte.** Aqui a democracia não se tornou numa **formalidade** impessoal, numa questão de máquinas de votos e de escrutínios secretos.

Para estes **cidadãos suíços**, a participação nos assuntos da comunidade não é apenas uma ocasião de comemoração, **mas também de escolha;** aqui a democracia é exercida de modo direto e os interesses da sociedade **não raras vezes se sobrepõem aos interesses do Estado.** Aqui, aquilo que alguns consideram impossível foi tentado e concretizado, ou seja, a realidade factual comprova-nos que **a democracia sem partidos é possível!**